

HÍPICAS FIGURAS DE PROA NO BRASIL E SUAS ORIGENS

*Carlos Francisco Moura,
Pesquisador do Liceu Literário Português*

Os portugueses, navegadores entre os maiores da História, afrontavam os tenebrosos e ignotos mares com as terríficas figuras de proa de seus navios. Os brasileiros, herdeiros das tradições lusíadas, não podiam deixar de continuar a usar *figuras de proa, leões de proa* ou *carrancas*, principalmente nas embarcações populares, cujas raízes, sem dúvida são as mais autênticas.

Empenhado na pesquisa das embarcações portuguesas e brasileiras, recolhemos muitos elementos referentes às figuras de proa, e, com parte deles elaboramos e publicamos três estudos: *Figuras de Proa do Tocantins e Carrancas do São Francisco* (Navigator, nº 10, dez./74, Serv. Documentação Geral da Marinha, Rio de Janeiro), *Figuras de Proa Portuguesas e Brasileiras* (Navigator, nº 11, jun./75, Serv. Documentação Geral da Marinha, Rio de Janeiro) e *O Cavalo como Figura de Proa no Brasil* (Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Dep. de Antropologia, Folclore, nº 94, jan./80, Recife). O terceiro estudo, por ter saído há mais de uma década em publicação especializada, vai agora aqui reproduzido, com destino a um público leitor mais amplo.

Temos em andamento outros estudos sobre as *figuras de proa*, que oportunamente serão publicados.

O CAVALO COMO FIGURA DE PROA NO BRASIL

Para determinar a tipologia original das carrancas do rio São Francisco, e, em geral, das figuras de proa de feição popular usadas antigamente no Brasil, é necessário recorrer às notícias escritas mais antigas.

Isso porque não são muito numerosos os espécimes originais que chegaram até nós, e, coincidindo com o desaparecimento das embarcações que as usavam, surgiu um artesanato estilizado das mesmas para atender ao mercado de decorações e antiquários.

Não são muito numerosas, também, as notícias antigas até agora conhecidas sobre as nossas figuras de proa de embarcações populares.

As mais antigas são as de Durval Vieira de Aguiar e de Alves Câmara, ambas de 1888.

Vieira de Aguiar, referindo-se às barcas do São Francisco, diz – “Na proa vê-se uma carranca de grifo de gigantescas formas de modelo transmitido pelos exploradores dos tempos coloniais”.¹

Alves da Câmara, também referindo-se às barcas do São Francisco, informa: “As proas são adornadas com a figura de um pássaro, ou de uma moça, grosseira obra de talha, enfeitada com colares e outros adornos de barro pintado”,² e sobre as canoas de outros rios: “Nos rios do interior, onde não é forte a ação dos ventos, há canoas, que são adornadas com um pássaro, ou outra figura na proa, e têm camarim envidraçado na popa, remadas a pás, e servem para transporte de passageiros e famílias de ricos senhores de engenho. Dão uma idéia um pouco fraca dos navios de recreio da antiguidade, como o célebre navio pavão, o moderno cisne, e outros”.³

O Prof. Paulo Pardal informa que o famoso escultor de carrancas Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany, “Em sua infância, já conhecia a história de uma família que, viajando de barca, parara para pernoitar em um barranco do rio. Ao alvorecer fora acordada por gritos do filho caçula que, engatinhando, tinha chegado à beira d’água, e estava sendo abocanhado por um jacaré (...). Daí terem utilizado carrancas representando jacarés para espantar os do rio”.⁴

Como Guarany nasceu em 1884, ele deve ter ouvido esta história nos fins do século XIX.

Francisco Ayres da Silva (1872-1957), natural de Porto Nacional, em diário escrito em 1920, descreve as embarcações então usadas no rio Tocantins: “A proa do bote, a parte exatamente que fende a água, é mais saliente, e culmina por símile de figura qualquer, jacaré, cavalo, etc., e denomina-se talhamar”.⁵

Edilberto Trigueiros, que viveu em Joazeiro de 1920 a 1931, informa que “... a figura de proa, esculpida em madeira, representando uma fantástica cabeça de cavalo adornada com grandes bigodes, de aspecto sanhudo, a que deram o nome pomposo de *leão de barca*, embora não o seja, ou de *cara de pau*, que o é muito mais”.⁶

Noraldino Lima, em obra publicada em 1925, documentou que as embarcações do São Francisco tinham “a proa recurva, desenhando uma cabeça de touro, de cavalo ou de um animal phantastico...”.⁷ Mais adiante refere-se à cabeça de cavalo, recurva e grotesca”.⁸

A 50 quilômetros de Pirapora, quando descia o São Francisco rumo a Januária, viu a barca *Marília de Dirceu*, que “vinha carregada, com a sua tripulação a postos e a indefectível cabeça de cavalo à proa”.⁹

Sousa Carneiro, no romance *Furundungo*, publicado em 1934 ou posteriormente, mas que se passa “no primeiro quartel do século XX”, descreve a barca *Flor da Aurora*, em viagem para o Bom Jesus da Lapa, que tinha na proa a figura de uma onça”. “A (tolda) da proa, o murundu, com dezoito palmos de comprimento, abrigado por palmas de indaiá. No bico, a figura de um meio corpo de onça, a boca arreganhada servindo de remate”.¹⁰

Orlando Magalhães Carvalho, em obra publicada em 1937, observa que, nas barcas do São Francisco, “na proa manda a tradição colocar uma figura que é um misto de careta de homem, corpo de animal, com aparência de dragão”.¹¹

José Casais, em trabalho publicado em 1941 em Buenos Aires, descreve as “Barcas típicas del río San Francisco con el infaltable mascarón de proa, que da a la embarcación el llamativo aspecto de un carruaje acuático arrastrado por un nervioso caballo”.¹²

M. de Cavalcanti Proença, em sua obra *Ribeira do São Francisco*, publicada em 1944, informa que os barqueiros “Depositam sua confiança na figura de proa, imagem de monstro, toscamente falquejada, ora uma cabeça de dragão, ora de leão ou cavalo, a qual avisa aos remeiros, por meio de três gemidos, que a barca vai afundar”.¹³

O antiquário José Claudino da Nóbrega, que entre 1947 e 1957 adquiriu muitas carrancas na Barra, informou ao Prof. Paulo Pardal que havia, na época, em Sento Sé, com cerca de sessenta anos, um santeiro que ainda fazia carrancas por encomenda. “Informa Nóbrega que eram cabeças de animais (cavalo, boi...) menores que as de Guarany”.¹⁴ O mesmo antiquário informara-o também de que viu no Pará uma escultura de mulher que havia servido de figura de proa num bote do Tocantins.

Ruy Santos no romance *Água Barrenta*, publicado em 1953, diz que “a cabeça da *Boa Sorte* era de mulher”.¹⁵

Joaquim Ribeiro em pesquisa realizada de 1959 a 1960 sobre o *Folclore de Januária*, observa que “Carranca – É uma forma de escultura primitiva, usada nas proas das embarcações do rio São Francisco. Apresenta a forma de uma cabeça de cavalo (...) Tais carrancas já vão rareando, mas ainda se encontram principalmente nas embarcações dos velhos habitantes”.¹⁶

Fazendo uma estatística, verificamos com surpresa que o cavalo é a figura citada por maior número de autores.

1. – cavalo	7 autores
2. – dragão, leão, mulher, touro	3 autores
3. – jacaré	2 autores
4. – grifo, onça, pássaro	1 autor

Tanto o costume de ornar as proas com figuras como o que elas representavam vieram-nos da Europa. “Autóctones”, só aparecem, nos trechos citados, o jacaré (2 autores) e a onça (1 autor).

Deixando de lado figuras de grande importância na simbologia européia,

como o dragão, o leão, a mulher, o grifo e o touro, vamos ater-nos apenas ao cavalo.

Em lendas e superstições antigas, o cavalo aparece umas vezes ligado às forças do mal, outras vezes relacionado à boa sorte e à providência. No primeiro caso temos o *colt-pixie*, e no seguinte, os cavalos com poderes clarividentes e que preveniam os cavaleiros em várias lendas. Cirlot acrescenta que “de este caracter mágico del caballo se deriva la creencia de que la herradura trae buena suerte”.¹⁷

Simbolicamente o cavalo também é relacionado com a água.

Segundo a mitologia grega, foi Netuno, deus do mar, quem criou o cavalo, arranhando as ondas do mar com seu tridente. Os ródios anualmente atiravam ao mar um carro puxado por quatro cavalos que eram assim sacrificados em homenagem ao sol.

Os celtas, que se contam entre os ascendentes de portugueses e espanhóis, reservavam ao cavalo um lugar especial no seu culto. Em carretas votivas e em vários objetos religiosos eles eram representados.

Na Gália era muito venerada a deusa Epona, que a princípio representava a água, necessária à fertilidade da terra, que ela própria simbolizava, e passou depois a ser a “deusa-égua”. “O fato de Epona ser sempre acompanhada de um cavalo deve ter influído no desdobramento da sua entidade mítica. O seu próprio nome, formado por duas palavras – *epos, ona* –, significava *nascente cavalar*”.¹⁸

“Parece não haver dúvida quanto a um certo paralelismo entre o cavalo de *Epona* e o da lenda de *Posídon*”.¹⁹

Os árabes, que também muito contribuíram na formação do povo português, atribuíam ao cavalo poderes mágicos, obedecendo aliás a tradições pré-islâmicas. “É uma bênção para o seu dono e para a casa de seu dono. Os espíritos malignos fogem do lugar onde se encontra um cavalo: quando ele relincha põe todos em fuga ou quebra a cabeça de quarenta deles. O respeito supersticioso que cerca o cavalo na África do Norte data de uma época provavelmente muito antiga”.²⁰

Um baixo relevo do palácio de Sargão II, em Khorsabad, representa barcos com figuras de cabeça de cavalo na proa.

Os vikings, que tiveram contactos com o litoral português no início da Idade Média, também usaram, na época do bronze nórdico, barcos com cabeça de cavalo na proa, como prova a gravura rupestre de Brandskog.²¹

Observa o Prof. Octávio L. Filgueiras que esses barcos com figuras de cabeça de cavalo estavam ligados a uma simbologia cultural mágica.²²

Na própria Península Ibérica, em Cádiz, usavam-se na Antiguidade barcos com cabeça de cavalo na proa, barcos esses que por isso mesmo eram chamados *hippoi* (cavalos).

Estrabão, baseado em Poseidônio (que esteve em Cádiz cerca do ano 100 a.C.), informa que Eúdoxos de Kyzikos, durante uma expedição à Índia, feita no tempo de Euergetes II do Egito, encontrou na costa da Etiópia a proa de

madeira de um navio, na qual estava esculpida a figura de um cavalo, e foi informado de que se tratava de restos de uma esquadra que viera do Ocidente. De volta, Eúdoxos mostrou a proa no porto de Alexandria e lhe afirmaram que era dos *gadeirítai* (habitantes de Cádiz), pois eles, além dos grandes navios armados pelos comerciantes, usavam outros menores, chamados *híppoi*, devido à figura de cavalo que usavam na proa.²³

No Algarve, província portuguesa próxima à região de Cádiz, ainda hoje usam-se na decoração da proa de barcos de pesca, não esculturas de proa, mas figuras (isto é, pinturas) de estrelas e de cavalos.²⁴

Se a estrela se filia a uma antiga tradição de simbolismo e sentido mágico, o mesmo se pode dizer do cavalo que também é pintado na proa. Em Portugal desde o século XVI pelo menos, e em outros países desde épocas mais antigas, tem-se usado também nas proas a pintura do olho, outra figura carregada de simbolismo.

Um painel de azulejos do século XVII, da Quinta de Chavões, no Cartaxo, em Portugal, representa uma embarcação que tem na proa a figura – de corpo inteiro – de um cavalo.

Muitos autores relacionam as figuras de proa do São Francisco (carrancas) com superstições.

O citado Orlando M. Carvalho, em 1937, dizia: “Na proa, além do murundu, manda a tradição colocar uma figura que é um mixto de careta de homem, corpo de animal, com aparência de dragão. A este remeiro contaram-lhe que a figura é comprada em um saco e quem a compra não quer ver o que comprou senão depois de chegar em casa”,²⁵ e depois de informar que não encontrara “confirmação desse curioso mercado de tabus”, acrescentava: “A figura de proa é a garantia do barco. Com toda a sua feiura ela dá três gemidos quando a barca vai afundar. Talvez por isso os remeiros sejam os homens mais despreocupados, bohemios e ignorantes do São Francisco”.²⁶

No Brasil existem lendas e credices sobre cavalos. Várias delas os relacionam a rios e ao mar.

O *Cavalo Marinho*, informa Câmara Cascudo, é um animal que vive no mar ou nos rios. De origem oriental, o *cavalo marinho*, de resplandecente alvura, crina e cauda de fios dourados, aparece nos contos tradicionais e nos episódios narrados como pessoais. Ocorre nas *Mil e uma Noites* (primeira viagem de Simbad) e há vários registros seus no Brasil”.²⁷

No rio São Francisco há a lenda do cavalo do rio, *que persegue as embarcações* dos que não lhe são simpáticos, vira-as e as afunda. Diz Câmara Cascudo que o melhor amuleto contra ele é sua própria imagem na proa do barco.²⁸

Noraldino Lima, em 1925, refere que as figuras de proa, entre elas as que representam o cavalo, seriam para afugentar o “caboclo d’água” e os “maus olhados da viagem”. “O mais importante meio de transporte no São Francisco, depois do vapor, é sem dúvida a barca – verdadeira casa flutuante com o seu toldo de palhas e a prova recurva, desenhando uma cabeça de touro, de cavalo

ou de um animal phantastico, para afugentar o caboclo d'água...”²⁹ “... sob a acção da mesma força conjugada e obediente ao mesmo rythmo, a embarcação, pesadíssima, muitas vezes, com a guarnição, o toldo, a cordoalha, a carga e... a cabeça de cavalo, recurva e grotesca, a desafiar, guiadora, os maus olhados da viagem”³⁰.

O Prof. Clarival do Prado Valladares, citando conceito de Richard Barnheimer, ressalta o caráter apotropaico das carrancas do São Francisco.

Imaginária apotropaica é, segundo Barnheimer, “qualquer configuração abstrata ou representativa destinada a afastar influências do demônio e/ou afugentar espíritos. Com frequência toma a forma de face animal e humana e de seus olhos esbugalhados (correlação ao hipnotismo). A representação apotropaica, como caráter de imagismo, é baseada no pressuposto que uma imagem tem o poder daquilo que representa e que se combate mais o demônio através de sua própria e visível similitude”³¹.

“A carranca do São Francisco faz a imaginária apotropaica do comportamento arcaico no Brasil, e isto é uma correspondência universal entre todas as artes primitivas, na cultura de base” – conclui o Prof. Clarival.³²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- AGUIAR, Durval Vieira de, *Descrições Práticas da Província da Bahia*, citado por Clarival do Prado Valladares.
- 2- CÂMARA, Alte. Antônio Alves, *Ensaio Sobre as Construções Navaes Indígenas no Brasil*, S. Paulo, 1888, pág. 125
- 3- CÂMARA, Alte. Antônio Alves, o.c., pág. 39
- 4- PARDAL, Paulo. *Carrancas do São Francisco*. Rio de Janeiro, 1974, pág. 73
- 5- SILVA, Francisco Ayres da. *Caminhos de Outora – Diário de Viagens*, 1a. edição póstuma, Goiânia, (1972), pág. 18
- 6- PARDAL, Paulo, o.c., pág. 62
- 7- LIMA, Noraldino, *No Valle das Maravilhas*, Belo Horizonte, 1925, pág. 44.
- 8- LIMA, Noraldino. o.c., pág. 126
- 9- LIMA, Noraldino, o.c., pág. 45
- 10- CARNEIRO, Sousa. *Furundungo*, Rio de Janeiro, s/d. págs.89/90
- 11- CARVALHO, Orlando M. *O Rio da Unidade Nacional – O São Francisco*, São Paulo, 1937. pág.88.
- 12- PARDAL, Paulo, o.c. pág.63
- 13- PROENÇA, M. Cavalcanti, *Ribeira do São Francisco*, Rio de Janeiro, 1944, pág.134
- 14- PARDAL, Paulo o.c. pág.98
- 15- PARDAL, Paulo, o.c., pág.65
- 16- RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*, Rio de Janeiro, 1970. pág.49
- 17- CIRLOT, Jean Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. pág.118
- 18- LAMAS, Maria. *Mitologia Geral*, pág.30. A fonte nascida da patada desferida pelo cavalo, Pégaso, ao nascer do sangue da Medusa chamou-se *Hipocrene* (Fonte do Cavallo).
- 19- LAMAS, Maria, o.c. pág.30
- 20- WESTERMARCH, *Suivances Paiennes dans la Civilisation Mahometane*, citado por Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, pág.243
- 21- FILGUEIRAS, Octávio Lixa. *Comentários Técnicos da Tese do Moçarabismo Náutico*, Cenro.
- 22- FILGUEIRAS, Octávio Lixa. o.c. pág.39. “Trata-se, de resto, de um dos mais desconcertantes enigmas da Arqueologia Naval, que, como o das gravuras rupestres e gravados em metal

nórdicos, com barcos ostentando cabeças de cavalo aparentemente lembraria a existência de conexões entre as áreas de construção naval mediterrânea e da escandinava. Tal segundo enigma – o dos barcos ostentando cabeças de cavalo – ligado a uma simbologia cultural mágica, coloca-nos perante imagens de reais embarcações nórdicas da época do bronze e dos princípios da do ferro.”

- 23– BELLIDO, Antônio Garcia y. *España y los Españoles Hace Dos Mil Años Según la “Geografía” de Strabon*, Buenos Aires, 1947, págs.220 e seguintes. Bellido opina que esse tipo de figura de proa era privativo dos habitantes de Cádiz – “Mascarones figurados eran, en efecto, corrientes en los navios antiguos. Parece ser, por el texto, que la figura de caballo, sin un embargo, era privativa de los gadeiritai” (o.c, pág.223, nota 391). O mesmo autor publica ilustração de um vaso ibérico de cerca do século 1 a.C. achado em Liria, que representa navés valencianas com figuras de cabeça de animais na proa, aparentemente javalis.
- 24– *Ver A Arte Popular em Portugal*. A Dra. Maria Madalena Cagigal e Silva, no capítulo sobre *Pintura* reproduz foto na qual aparecem as proas de três barcos de pesca, uma com uma estrela pintada, e as outras com cavalos (pág.53).
- 25– CARVALHO, Orlando M. o.c. pág. 88.
- 26– CARVALHO, Orlando M. o.c. pág. 88. Também se referem aos três gemidos Cavalcanti Proença, como vimos, e Joaquim Ribeiro.
- 27– CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Brasília, 1972, págs. 243/4.
- 28– CASCUDO, Câmara. o.c., pág. 45
- 29– LIMA, Noraldino, o.c., pág.44
- 30– LIMA, Noraldino. o.c., pág. 126
- 31– VALLADARES, Clarival do Prado. *Sobre o Comportamento Arcaico nas Artes Populares*, in: *Cadernos de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1974, pág. 37
- 32– VALLADARES, Clarivaldo do Prado. o.c., pág.36